

Medo de contágio

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Apontadas como ponto forte do país há até bem pouco tempo, as contas externas deram um susto ontem nos analistas e deixaram um rastro de incertezas. O temor é de que os consecutivos déficits nas transações correntes saiam do controle e se tornem uma fonte de contágio a crises externas, como ocorreu entre 1995 e 2002. Naquele período, com o câmbio fixo, o Brasil acumulou buracos enormes nas contas externas e, ao menor sinal de turbulência, era obrigado a elevar as taxas de juros para atrair dólares e conseguir fechar as contas. Nos momentos mais críticos, quando as portas do mercado externo se fechavam de vez, o socorro vinha do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Nos primeiros quatro meses do ano, o déficit nas transações correntes atingiu US\$ 14 bilhões, o maior registrado no período desde que o Banco Central passou a fazer esse tipo de levantamento há 61 anos (1947). Somente em abril, o rombo somou US\$ 3,3 bilhões. No primeiro quadrimestre de 2007, as transações correntes estavam positiva em US\$ 2 bilhões. Ou seja, houve uma virada de US\$ 16 bilhões. Desse valor, correspondente a 1,2% do Produto Interno Bruto (PIB), US\$ 8,3 bilhões foram provocados pelo recuo no saldo da balança comercial. É que, com o crescimento mais forte da economia, as importações dispararam. Os outros US\$ 7,7 bilhões decorreram da piora na conta de serviços e rendas, pois, mais lucrativas no Brasil é sem crédito no exterior, as multinacionais ampliaram as remessas de lucros e dividendos para suas matrizes.

A expressiva deterioração nas contas externas não perturba o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes. "As circunstâncias atuais são completa-

mente diferentes das do passado", assegurou. Segundo ele, o buraco nas transações correntes é financeável pelo volume crescente de investimentos estrangeiros diretos (IED). Entre janeiro e abril deste ano, os investimentos somaram US\$ 12,7 bilhões. No mês passado, especificamente, foram computados ingressos de US\$ 3,8 bilhões. Tanto o resultado mensal quanto o de quatro meses são os melhores para os respectivos períodos da série histórica do BC. "Esse quadro fica mais claro quando se olha para os 12 meses terminados em abril: o déficit nas transações correntes bateu em US\$ 14,6 bilhões e os investimentos diretos, em US\$ 37,2 bilhões", frisou.

Na avaliação do economista do BC, a tendência é de que os rombos nas contas externas diminuam. "Para maio, as projeções indicam déficit de US\$ 1,5 bilhão." E um dos fatores que estão contribuindo para isso é o fim da greve dos fiscais da Receita Federal, que liberou as exportações que estavam retidas nos portos. "É possível até que até tenhamos superávits em alguns meses", destacou Altamir. No mercado, ninguém acredita nisso. "A nossa projeção aponta para déficit contínuos, fechando o ano em US\$ 20 bilhões", afirmou Newton Rosa, economista-chefe da Sul América Investimentos. Pelas contas de Tomás Goulart, economista da Modal Asset Management, o buraco pode ir a US\$ 23 bilhões. Nas projeções oficiais, o BC trabalha com déficit de US\$ 12 bilhões, valor já superado.

Altamir disse que as remessas de lucros e dividendos, que totalizaram US\$ 12,3 bilhões entre janeiro e abril, mais do que duplicando em relação ao mesmo período do ano passado, estão sendo puxadas pelos setores automotivo e financeiro, os mais prejudicados pela crise de crédito nos Estados Unidos. "A tendência é de acomodação nos próximos meses", assinalou.